

O DISCURSO FEMININO NA OBRA “AS AVENTURAS DE DIÓFANES”, DE TERESA MARGARIDA DA SILVA E ORTA¹

Vania Maria da SILVA²

Licencianda em Letras-Português – IFSP/Campus São Paulo

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar o discurso feminino que a autora Teresa Margarida da Silva e Orta construiu no romance “*As aventuras de Diófanes*”, publicado em Lisboa, em 1777. Visa, portanto, nesse sentido, contribuir para o estudo da autoria feminina nas Literaturas Portuguesa e Brasileira, pontuando e valorizando uma autora emblemática, que é considerada a primeira mulher a escrever um romance em língua portuguesa, mas que, a despeito desta sua marcante contribuição para história literária, não se lhe atribui visibilidade no cânone literário.

Palavras-chave: Autoria feminina. Literatura. Arcadismo. Discurso feminino.

Introdução

A autora Teresa Margarida da Silva e Orta é considerada emblemática já, de antemão, pela discussão de sua nacionalidade. Nascida em São Paulo, em 1711, a autora seguiu com a família para Portugal, em 1716, onde anos mais tarde, casou-se, teve filhos, foi presa e publicou suas obras. Além do romance *As aventuras de Diófanes*, que obteve três edições no século XVIII, a escritora ainda publicou o *Poema épico-trágico*, a *Novena do patriarca S. Bento* e a *Petição que faz a presa à Rainha Nossa Senhora*. Como outros autores árcades³ que nasceram no Brasil, no século XVIII, mas tiveram a educação formal concretizada em Portugal, Teresa Margarida da Silva e Orta também vivenciou a dicotomia da identidade nacional.

Seu romance foi assim publicado pela primeira vez com o nome de “*Máximas de virtudes e formosura*”, tendo primeira edição anunciada na *Gazeta de Lisboa*, em 17 de

¹ Integrante do projeto de extensão **Literatura de Autoria Feminina**, sob orientação do Professor Charles Borges Casemiro (Edital n. 557/2016).

² Endereço eletrônico: vania.jornalismo@yahoo.com.br

³ Os autores árcades José de Santa Rita Durão (1722-1784) e Cláudio Manuel da Costa (1729-1789) nasceram, respectivamente, em Cata-Preta (MG) e Mariana (MG), e concluíram estudos em Portugal, palco de uma série de transformações culturais e sociopolíticas no século XVIII.

agosto de 1752, conforme Flores (2007), envolvendo muitas controvérsias sobre a nacionalidade da autora. O anúncio apontava a possibilidade de Teresa Margarida da Silva e Orta ser *estrangeira* em função da obra apresentar-se com alto nível de erudição e tratar de temas como política e moral⁴.

Se o periódico da época, portanto, trazia dúvidas sobre a nacionalidade da autora, vale registrar que o romance *As Aventuras de Diófanes*, por sua vez, também revelou outras questões relacionadas à pátria. O enredo conta o naufrágio da esquadra que levava Diófanes e Climineia, reis de Tebas, e sua filha Hemirena para Delos, onde esta se casaria com Arnesto, príncipe de Delos. Após uma forte tormenta, a família e a tripulação são atacadas e feitas prisioneiras por seus inimigos de Argos. Diófanes, Climineia e Hemirena são separados e vendidos como escravos. A saga do romance é, então, atravessada pela saudade e o desejo das personagens de voltar à pátria. É possível, nesse sentido, observar um espelhamento da autora nessas personagens. Teresa Margarida morreu sem nunca ter retornado ao Brasil, do mesmo modo que figura, metaforicamente, a própria saga portuguesa em suas viagens de conquista.

Ainda sobre a discussão se Teresa Margarida da Silva e Orta seria uma autora brasileira ou portuguesa, vale registrar as considerações de Fábio M. da Silva (2015) que apontam para certo esquecimento da autora na história da literatura brasileira, ainda que alguns pesquisadores reivindicuem uma “brasilidade” para ela.

Teresa Margarida da Silva e Orta flutua numa zona de indecisão “nacionalista” por parte dos historiadores literários, embora os poucos críticos brasileiros que lhe dedicaram estudos específicos lhe tenham atribuído o estatuto de primeira romancista brasileira. (SILVA, 2015, p. 56)

Brasileira ou portuguesa, o fato é que é impossível negar que Teresa Margarida da Silva e Orta ousou registrar o seu tempo, priorizando temas como a moral, a política e a educação feminina. Ainda que os registros não lhe deem o devido valor, a autora foi uma representante da escola árcade, submersa nas influências neoclássicas, mas aventurou-se pelo novo gênero do romance, enquanto outros autores dedicavam-se à poesia. Sob os ares do Século das Luzes, a autora partilhou os princípios do Iluminismo,

⁴ Conforme anúncio publicado na *Gazeta de Lisboa*, n.º. 28, p. 476, artigo de Conceição Flores (2007).

criticou o absolutismo e a futilidade feminina e de nobres. E nesse sentido: “Ser mulher e falar da condição feminina, reivindicando direitos, contrapondo-os aos deveres impostos é inscrever-se é uma ousadia e uma resistência à dominação masculina” (FLORES, 2007, p. 5)

A pesquisa de autoria feminina já trouxe à luz inúmeros nomes de mulheres que o cânone literário deixou à margem da história literária, tenha sido por estar ou não em concordância com a escola literária em vigor, tenha sido pelo fato do cânone ser estruturado por uma classe hegemonicamente constituída por homens brancos, economicamente privilegiados. No século XVIII, no Brasil, nomes como Maria Josefa Barreto Pereira Pinto (1775-1837), Barbara Heliodora (1758-1819), Beatriz Francisca de Assis Brandão (1779-1868), Idelfonsa Laura Cesar (1794-?), Angela do Amaral Rangel (1725-?), Maria Clemência Silveira Sampaio (1789-?) e Delfinea Benigna da Cunha (1791-1857) já emergiram do esquecimento através de muitas pesquisas realizadas. No entanto, ainda é necessário que investigações debruçem-se sobre suas biografias e obras para que seus registros literários ganhem relevância no campo da Literatura. Muitas foram precursoras, audaciosas, passando por causas importantes como o fim da escravidão e a extensão da educação para mulheres. Escreveram, portanto, sobre temas que até então se julgava restritos aos homens, como a moral e a política.

Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, por exemplo, é considerada a primeira jornalista brasileira, fundadora do jornal *Bellona*, em 1833, no Rio Grande do Sul. O periódico circulou até 1837, ano da morte da autora, que ainda criou a primeira escola para meninas e meninos em Porto Alegre (RS), em 1830. Em Portugal, outras mulheres dedicavam-se às letras. Muitas vivendo em mosteiros, como a tradição da educação feminina preconizava na época. Boa parte escrevia poesia e o gênero epistolar, e o conteúdo abarcava temas religiosos ou de circunstâncias. Entre elas, Soror Maria do Céu (1658-1752), religiosa franciscana no convento de Esperança, em Lisboa, que durante sete anos, trocou correspondências com a Duquesa de Medinilla, tendo publicado obras até 1744.

Biografia e obra de Teresa Margarida da Silva e Orta

Teresa Margarida da Silva e Orta nasceu em São Paulo, em 1711, filha de um português, José Ramos da Silva, que tinha vindo para o Brasil ainda muito jovem e tornou-se um comerciante bem sucedido. A mãe, Dona Catarina de Orta, era brasileira e filha de um dos homens mais prósperos de São Paulo. Em 1716, a família vai para Portugal com um considerável patrimônio, onde o pai tornou-se familiar do Santo Ofício; em 1721, obteve o hábito da Ordem de Cristo e, em 1722, comprou o cargo de provedor da Casa de Moeda de Lisboa.

Filha do meio, Teresa Margarida da Silva e Orta foi educada, juntamente com a irmã mais nova, no Convento das Trinas, fundado em 1661, renomado por acolher donzelas entre os sete e os 25 anos para serem religiosas. A autora tinha como irmão mais velho Matias Aires⁵, famoso escritor e herdeiro do pai José Ramos da Silva, que deixou para as filhas apenas um valor correspondente ao dote da vida religiosa, razão que motivou vários processos de Teresa Margarida contra o irmão, anos mais tarde.

Teresa Margarida apaixonou-se por Pedro Jansen Moller, filho de um desembargador, sem fortuna, mas com títulos de nobreza. Abandonou o convento e casou-se em 20 de janeiro de 1728, na Freguesia do Santíssimo Sacramento, em Lisboa, contra a vontade do pai, mediante autorização especial da igreja, sob a alegação de estar grávida. Segundo Flores (2007), a autora contou com a conivência de testemunhas, conforme consta nos autos do processo existentes no Arquivo da Câmara eclesiástica de Lisboa, na Torre do Tombo. O pai não aceitou o casamento da filha, muito embora tenha ajudado o casal com elevadas quantias de dinheiro. Em testamento, entretanto, acusou o genro de ambicioso e queixou-se demasiadamente da filha.

A autora frequentou a corte, tendo amigos ilustres como Alexandre de Gusmão, secretário de D. João V, Sebastião Maldonado, secretário de estado, e o infante D. Manuel (irmão do rei), de quem o sogro da autora era procurador da fazenda. A família enfrentou sérias dificuldades financeiras, consequência da instalação de um engenho de serrar madeiras no Maranhão, conforme Flores (2007).

Em 1750, o texto *Máximas de Virtudes e Formosura*, assinado por Dorotea Engrassia Tavadra Dalmira, pseudônimo e anagrama de Dona Teresa Margarida da

⁵ Matias Aires publicou, em 1752, *Reflexões sobre a vaidade dos homens*. (FLORES, 2007)

Silva e Orta, foi submetido à Real Mesa Censória e, em meados de 1752, foi publicado. No ano seguinte, a autora ficou viúva com 12 filhos e diante de graves problemas financeiros chegou a recorrer ao Marquês de Pombal, mas não obteve êxito. Por ordem deste, a autora foi presa no mosteiro de Ferreira de Aves sob a acusação de acobertar os amores do filho dela, Agostinho, com Teresa José Xavier da Cunha e Melo. A autora ficou presa por sete anos, quando escreveu as obras: *Poema Épico-trágico, Novena do patriarca S. Bento e Petição que faz a presa à Rainha Nossa Senhora*.

Em 1777, livre da cadeia, Teresa Margarida lança a segunda edição do romance *Máximas de Virtudes e Formosura*, agora, com o título *As Aventuras de Diófanes*, ainda encoberto pelo mesmo anagrama. A terceira edição ocorre em 1790, atribuindo autoria a Alexandre de Gusmão. Teresa Margarida faleceu três anos depois e foi sepultada em Belas, sem nunca, assim, ter retornado para o Brasil, o parecia ser desejo seu. O romance foi também publicado em 1818, sob o anonimato, numa “edição mutilada”, segundo Flores (2007). Em 1945, a publicação da Imprensa Nacional, no Brasil, faz justiça ao nome da autora. Em 1993, no bicentenário da morte de Teresa Margarida, uma edição reúne as obras da autora, e em 2002, é publicada a primeira edição crítica de seu romance *Aventuras de Diófanes*.

Como já foi apresentada, a obra máxima da autora conta a história dos reis de Tebas, Diófanes e Climineia, e da filha Hemirena, que sofrem um naufrágio a caminho da ilha de Delos, onde se fariam reverências a Apolo e Hemirena se casaria com o príncipe de Delos, Arnesto. São atacados pelos bárbaros de Argos, separados e vendidos como escravos e a trama irá se desenrolar com as aventuras e desventuras que cada uma dessas três personagens vivenciará para retornar à pátria. O título parece evidenciar uma prevalência do rei tebano sobre as demais personagens, pois referencia especificamente o rei Diófanes, quando, na verdade, o palco do romance divide-se entre as três personagens. Pode-se até mesmo dizer que há, até a terceira parte, uma relativa supremacia de Hemirena, que assume uma identidade masculina, Belino, para vencer os perigos e manter-se fiel às promessas feitas à mãe, no momento da separação. “Suspendei, Senhora, as correntes do amargo pranto, se acaso mais vos afligem a meu respeito os pesados grilhões da escravidão: nem seja cruel despertador do vosso cuidado a perigosa idade, em que me vedes; que eu juro aos Deuses, que me sustentam, fazer sempre ações dignas de quem teve lugar nas vossas entranhas” (ORTA, 1945, p. 7).

Hemirena segue disfarçada até reencontrar os pais, mas antes se vê diante de muitos infortúnios: é alvo de inveja de Anquísia e Franésia, é alvo da cobiça do pastor Túrnio, do rei e também do príncipe Ibério e vive por algum tempo sob a proteção da princesa Beraniza. Como Belino, Hemirena não é reconhecida nem por Diófanos nem por Climineia, que alimenta um inexplicável afeto pelo rapaz, desconhecendo tratar-se da própria filha. Também Diófanos precisa superar desafios e seu discurso é constantemente de crítica ao Absolutismo, que a autora apresenta subliminarmente na obra. Escondido sob a identidade de Antionor, Diófanos será o conselheiro de Anfiarau, a quem ensinará a boa governança, baseada na justiça e nas luzes.

[...] lhe roguei que ouvisse a todos, e cresse a poucos: e que estes fossem introduzidos mais pelo merecimento, que pela confiança, porque assim se evitaria que os comerciantes dos enganos servisse de escudo o seu agrado; e não haveria quem se atrevesse a ofuscar a glória, e candor de suas ações; e aprenderiam as gentes, qual era a verdadeira felicidade do melhor Príncipe”. (ORTA, 1945, p. 30)

Contexto histórico na Europa e no Brasil

Na segunda metade do século XVIII, a Europa era um caldeirão de transformações culturais e sociopolíticas. A França apresentava ao mundo os valores de liberdade, igualdade e fraternidade que iriam fundamentar a história da humanidade daquele ponto em diante, e a Revolução Francesa (1789) consolidava-se como o início da Era Contemporânea. Um ano antes de Teresa Margarida da Silva e Orta publicar em Portugal pela primeira vez, foi editado, na França, o primeiro volume da Enciclopédia de Denis Diderot, Voltaire e Jean Le Ron D’Alembert⁶, obra que objetivou pôr o conhecimento proveniente da razão ao alcance de todos. O pensamento iluminista ganhava corpo nas entranhas da Europa e chegava ao solo português com o francês Luís Antônio Verney (1713-1792) que, apoiado pelo rei D. João V, propôs a reforma geral do ensino superior. Em 1746, Verney, que bebeu na fonte dos ideais revolucionários franceses, publicou a obra *Verdadeiro Método de Estudar*, desencadeando contundentes mudanças nas escolas portuguesas, que durante anos viveram sob a égide do ensino religioso e medieval.

⁶ A publicação do pensamento enciclopédico de D’Alembert, Diderot e Voltaire, em 1751, culminou com a Revolução Francesa. Ver MOISÉS, Massaud (2008, p. 95).

Segundo Massaud Moisés (2008), foi o Marquês de Pombal (1699-1782) o responsável pela tarefa de pôr Portugal no trilho das novas ideias que circulavam pela Europa. Vale lembrar aqui a menção, por ocasião da primeira edição de *Aventuras de Diófanos*, de que Teresa Margarida da Silva e Orta seria estrangeira, já que comungava ideias iluministas. Tal perspectiva talvez possa ser explicada pelo fato de que o pensamento iluminista fora importado, sobretudo da França e da Inglaterra, e não originário das fronteiras portuguesas, e que muitos professores estrangeiros, neste sentido, chegavam a Portugal, onde a Universidade passava por um intenso burburinho intelectual e científico.

Com a queda de Pombal, outros nomes tomam a frente das ações para fazer jus de um Portugal alinhado aos novos tempos.

[...] dentre os quais o Duque de Lafões que funda, em 1870, a Academia Real das Ciências, segunda academia oficial portuguesa (a primeira foi a Academia Real de História, fundada em 1720), e desejosa de se equiparar em grandeza às similares espalhadas pela Europa. (MOISÉS, 2008, p. 96)

Sob os ares da razão como excelência, o Arcadismo vem à tona em Portugal, mas Massaud Moisés (2008)⁷ observa que manifestações contra os exageros do Barroco já vinham de longa data. O Neoclassicismo ou Novo Classicismo vai tomando vulto em Portugal privilegiando o retorno aos clássicos como Horácio, Aristóteles e Quintiliano. Em 1756, é fundada a Arcádia Lusitana, que terá como princípio o *Inutilia Truncat*, ou, repúdio às coisas inúteis. Na obra de Teresa Margarida, a rainha de Teba, Climineia, será a principal porta-voz para fazer valer tal princípio, como se verá mais adiante.

Em 1790, ano da terceira edição da obra de Teresa Margarida, é fundada a Academia das Belas Artes, logo chamada Nova Arcádia, que ganhou adeptos como Manuel Maria Barbosa Du Bocage, José Agostinho de Macedo, Luís Correia França e outros. Um ano após o falecimento da autora, em 1794, a Nova Arcádia chegaria ao fim definitivamente. No Brasil, a estética arcádica começou na segunda metade do século XVIII, mais precisamente, 1786, ano da publicação de “Obras”, de Cláudio Manuel da Costa. Dos representantes épicos, temos os nomes de José Basílio da Gama e José de

⁷ Massaud Moisés enumera a obra *Fenix Renascida* e autores como Diogo Camacho e Tomás de Noronha. Ver Literatura Portuguesa (2008, p. 96).

Santa Rita Durão, com as obras o *Uruguay* e *Caramuru*, respectivamente. O arcadismo brasileiro conviveu com o apogeu da mineração em Minas Gerais, em que um grupo de intelectuais participou ativamente da Inconfidência Mineira, entre eles Tomás Antônio Gonzaga, Inácio José de Alvarenga Peixoto, Manuel Inácio da Silva Alvarenga, além do próprio Cláudio Manuel da Costa.

A influência árcade no romance de Teresa Margarida

Massaud Moisés (2008) pontua que ao falar em estética Árcade refere-se, no geral, primordialmente à poesia. A prosa, em sua maioria, é fartamente explorada pelas obras histórica, filosófica, científica e pedagógica, mas o autor aponta dois nomes que, de certa forma, iriam destoar com a tendência em voga.

Em terreno mais próximo da estrita atividade literária, observa-se, contudo, a tentativa de construir uma novela segundo os novos moldes iluministas, como é o caso do padre Teodoro de Almeida (1722-1804), autor de *Feliz Independente do Mundo e da fortuna* (3 vols., 1779). (MOISÉS, 2008, p. 98)

Além do Padre Teodoro de Almeida, Moisés (2008) considera a obra *As aventuras de Diófanos* como novela, de cunho exclusivamente pedagógico, tendo como alvo o herdeiro do trono português, e inspirado nas *Aventuras de Telêmaco* (1699), de Fénelim. É importante salientar que, ao lado de Teodoro de Almeida, Teresa Margarida da Silva e Orta difere de grande parte dos autores árcades portugueses que se expressavam através da poesia. A autora parte para o romance antevendo uma escola que emergiria tão logo os escritores desejassem livrar-se das amarras formais do Neoclassicismo.

Dividido em seis livros, o romance é marcado pela intertextualidade com obras como *Odisseia*, de Homero, o poema *O amor é fogo que arde sem se ver*, de Luís Vaz de Camões, além de recorrências à mitologia grego-romana. Por estar alinhada às características da escola literária vigente em sua época, Teresa Margarida retomou os modelos clássicos, o culto das virtudes morais, o retorno à fonte Camoniana, além da valorização da vida pastoril (*Fugere Urbem*). Todos esses valores estão presentes nas identidades de Diófanos, Climineia e Hemirena. Cada um, em sua saga, vivenciou uma

ou mais das características neoclássicas. Um exemplo do prestígio da razão é quando Hemirena, na identidade de Belino, quer saber qual é a punição para os que se rendem ao cupido. Ao que a autora responde através de Climineia:

Os zelos, (lhe respondeu) voraz incêndio, que abrasa toda a região do peito: é uma ira furiosa, um penetrante punhal, que de toda a sorte cortas nas entranhas: é uma dor insofrível, com que desmaia a mais acreditada prudência: é um furor incitado, que mata sem remédio; é um frenesi sem melhora, que tira de si aos mais sábios: é uma desesperação sem alívio, e é um inferno de penas, onde as suspeitas fabricam sempre os tormentos, onde as desconfianças aprendendo evidências, (*sic*) alimentam as chamas de juízos temerários. (ORTA, 1945, p. 44)

Teresa Margarida, que ousou desafiar o pai para casar-se com o homem por quem se apaixonou quando ainda estava no Convento das Trinas, na vida adulta, desmerece os arroubos da paixão em detrimento da razão. A autora recupera Camões e contextualiza os versos camonianos aos tempos das Luzes, em que a racionalidade é acima de tudo um ideal.

A princesa Tebana, Hemirena, será o símbolo da exaltação das virtudes morais. Após ser separada dos pais, Hemirena torna-se escrava na casa de Hortélio, mas alvo de inveja da filha dele, Anquísia, é submetida à fome, aos castigos, e enviada para o trabalho no campo. Após atrair a atenção do pastor Túrnio, ser motivo de discórdia na casa de Hortélio e aumentar a fúria de Anquísia, Hemirena é vendida à Beraniza, princesa de Atenas. É através da voz de Hemirena que a autora Teresa Margarida chama a atenção para a inveja que enfraquece e corrói o homem.

Quando eu pude entender bem as frases grosseiras, com que se explicavam (lhe respondeu), soube que em uma obravam zelos indiscretos, e em outra inveja dos louvores, que de mim se lhe diziam (vícios horrorosos bem costumados a alimentarem-se dos corações, que cegamente se deixam possuir deles). (ORTA, 1945, p. 14)

Hemirena luta para manter a virtude ao fugir das paixões de que é alvo, como a do Príncipe Ibério.

Dize ao Príncipe, que uma escrava não pode servir-lhe para esposa: que eu não declarei a minha origem para dar a mão encoberta: e que

antes quero perder a vida, que mudar de estado, sem que os meus o determinem; (...). (ORTA, 1945, p. 19)

A natureza como refúgio será evidenciada tanto por Hemirena, como por Diófenes e Climineia, que assume identidade de pastora. Em determinado ponto da narrativa, em fuga, Hemirena descansa e observa as maravilhas do campo.

Oh quanto és agradável, belíssima ribeira, que com majestosos movimentos despedes as cristalinas correntes que prendem, e guarnecem este ditoso boque! E vós, aves inocentes fragrantas flores, e fugitivos desperdícios, gozai do solitário sossego deste ameno bosque. Oh quem pudera trocar convosco a sorte! (ORTA, 1945, p. 25)

Diófanes com a identidade de Antionor, por ser conhecedor de leis e costumes de outras nações, é convocado para ser conselheiro do rei de Corinto, Anfiarau, e suplica para que continue a viver no campo.

Permiti, Senhor, que eu continue em guardar os vossos rebanhos, e escusai-me das estimações de valido. Principiaram no Mundo as guerras, por haverem muitos Deuses, muitas leis, e muitos Reis; e antes de as haverem, moravam os homens em os campos, comiam frutas, dormiam em covas, andavam descalços, e viviam do comum; eu quero só servi-vos, como até agora, acompanhando os vossos rebanhos no capo, sustentar-me das frutas silvestres, e reparar-me dos rigores do Inverno embaixo dos rochedos; porque o guardando a melhor, lei, pobre, e descalço viverei em paz, que esta sempre nas inquietações da Corte. Oh quanto é melhor ouvir o que lá se passa, que o viver nela! (ORTA, 1945, p. 27)

Dessa forma, Teresa Margarida segue alinhada ao Arcadismo, valorizando o *Fugere Urbem*, o culto à natureza bucólica e o firme propósito de criticar as ambições que enfraquecem o homem, apontando a cidade como foco de corrupção.

O discurso de Antenor pertence à Teresa Margarida, uma mulher do século XVIII que ousa escrever sobre política, e nesse viés, ela critica o absolutismo e a todos que cercam o rei impedindo-o de avistar os pensamentos iluministas que chegavam da França.

Bem sei eu que os que procuram introduzir-se para validos, nem merecem ver a Majestade, pois estudam só para lisonjeá-la, para fazer

o partido de suas dependências; e que os Soberanos não podem com os olhos descobrir todas as luzes da verdade, porque trabalham em escurecê-la os que zelo aparente tratam de seus interesses, fingindo que amam os acertos de seu Rei, quando é certo que só estiam as suas grandezas... (ORTA, 1945, p. 28)

Antionor, ou Diófanes, recomenda à Hemirena, quando a encontra sem que suas identidades sejam reveladas um ao outro.

Roga aos Céus que me assistam; que infundam em Anfiarau os acertos, o conhecimento da lisonja, a pureza da justiça, o aumento das virtudes, e ciências, e o resguardar o respeito ao trono, sem perseguir inocentes; e juntamente lhe inspirem o amar sempre os vassalos para ser deles amado... (ORTA, 1954, p. 32)

O discurso feminino no romance

Quem é a mulher descrita por Teresa Margarida, no século XVIII? A imagem que a autora ajuda a desenhar é, em princípio, a de uma mulher que vive na corte adornada por enfeites e metida em futilidades. É oportuno lembrar que a autora frequentou a corte, pois o marido tinha títulos de nobreza, embora não tivesse fortuna. No entanto, Teresa Margarida inquieta-se com tamanha inutilidade feminina e expressa indignação através de Climineia, rainha Tebana, que é quem vai tecer a crítica feroz a tal condição feminina e bradar o direito da educação para mulheres.

No romance, após reencontrar e despedir-se do pai, Hemirena ainda disfarçada de Belino, encontra a mãe em Argos, e mais uma vez as identidades permanecem escondidas. Sem memória, Climineia é agora Delmetra, uma pastora que, decepcionada com humanos, vive em uma caverna em meio às feras. “Separei-me das gentes e busquei entre as feras o amparo, que me negavam os racionais.” (ORTA, 1945, p. 34).

Juntas, continuam viagem, e passam um tempo vivendo em uma aldeia, onde Climineia tem a oportunidade de apresentar o discurso feminino da romancista. Os aldeões querem conhecer a sabedoria de Climineia e fazem perguntas sobre a virtude, amizade e a condição feminina. Ao responder sobre qual é o pior trabalho das mulheres na corte, Climineia responde:

A eleição das cores, com que pintam a formosura (respondeu Delmetra), pois gastam a maior parte do dia em contínuas

transformações, sem chegarem a conhecer que o natural lhes está melhor; e assim passam de desejo a desejo, querem, e não querem, mancham-se e desmancham-se; fazendo-se aborrecer de perto, as que se fizeram amar de longe; e sem parecerem de manhãs a que são à tarde. (ORTA, 1945, p. 40)

Assim a autora critica ao que as mulheres se dedicam; aos bailes, recreios e conversações, que as fazem como “estátuas da vaidade”. Teresa Margarida considera as mulheres fúteis um mau exemplo, que muitas vezes provocam mais danos que os homens.

Há mulheres na Corte, que em oitenta anos, que viveram, nunca tiveram mais aplicação que a dos seus enfeites; e é cousa lastimosa que deixemos de enriquecer-nos dos conhecimentos necessários com a leitura de bons livros, que são companheiros sábios de honesta conversação. Nós não temos a profissão das ciências nem obrigação de sermos sábias; mas também não fizemos votos de sermos ignorante. (ORTA, 1945, p. 41)

A autora se revela assim uma defensora do conhecimento extensivo às mulheres, pois seria conveniente que estas lessem os livros, ainda que não fossem todos, pois são “perniciosos” os que tratam das paixões, e bons os que as livrassem do ócio.

A responder outra pergunta das serranas (aldeãs), Climineia explica porque os homens consideram a loucura como uma qualidade própria do feminino: assim o fazem porque enxergam diferenças entre homens e mulheres e acrescenta que a eles bastava dizer que:

Para os desmentir basta saber-se que as suas presumidas quimeras têm a origem na loucura, e amor-próprio, como elementos proporcionados. Estes discursivos se não dizem que as almas têm sexo, para que forjam distinções, que não têm mais subsistência que na sua corrupta imaginação, pois foram igualmente criadas, e a disposição dos órgãos (de que me dizem provém da bondade o do espírito) é tão vantajosa nas mulheres, como nos homens”. (ORTA, 1945, p. 43)

Assim a autora reivindica igualdade de gêneros e considera que se faltar um só grau de espírito e capacidade nos homens, estes seriam iguais às “brutas”, e se as mulheres não são destaques nas ciências, é porque lhes é negada a educação.

Porque eles se ocupam as aulas, em que não teriam lugar, se elas a frequentassem, pois temos igualdade de almas, e o mesmo direito aos conhecimentos necessários; e o dizerem que as nossas potências são o refugio das suas, porque não sabemos entender, ajuizar, aprender, e queremos sempre pior, é sobra de maldade, e insofrível sem razão, quando há sempre neles mais que repreender, e nas mulheres muito que louvar, menos naquelas, que muitos os atendem porque elas a arruinam. (ORTA, 1945, p. 44)

Conclusão

A autora Teresa Margarida da Silva e Orta foi literalmente uma mulher do século XVIII. Não somente porque nasceu, publicou suas obras e morreu no século XVIII, mas acima de tudo porque viveu os ideais e o pensamento que emergiam no mundo nesse período. A despeito da discussão sobre a sua nacionalidade – portuguesa ou brasileira – Teresa Margarida promoveu a escola literária árcade, pois enalteceu o *Fugere urbem*, o *Inutilia truncat* e a racionalidade n’*As aventuras de Diófanos*, mas rompeu com a forma estética porque escreveu em prosa, quando a maioria dos autores ainda restringia-se à poesia. Por isso, meritariamente é apontada como a primeira mulher a escrever um romance em língua portuguesa, apesar de curiosamente ser deixada de lado pelo cânone, mesmo que alguns teóricos façam referência ao nome e à significação dela.

Teresa Margarida é árcade na temática, pois estabelece todas as correlações neoclássicas que outros escritores contemporâneos a ela se dedicavam, porém quebra os paradigmas da época e é extremamente revolucionária duplamente, primeiro, por romper com as formas tradicionais, segundo, por promover tal ruptura sendo mulher.

Enquanto romance, a obra *As Aventuras de Diófanos* não se adéqua ainda às características do Romantismo, escola literária que logo substituiria o Arcadismo, porém, sua forma já vislumbra nova estética. Teresa Margarida ainda está impregnada de neoclássico, portanto não expressou estados de alma, nem tampouco visões individualistas e relativizadas, fugas da realidade via morte, ou rupturas mais exacerbadas de temas como o Romantismo ousaria fazer. No entanto, a autora deixa evidente em sua obra uma vocação sociológica e histórica ao inaugurar um discurso feminino em prosa, que saía em defesa das mulheres para que estas tivessem direito também à educação, entre outros direitos. Assim como os autores românticos, Teresa

Margarida credita à educação uma forma de transformação humana, da qual as mulheres não poderiam ficar de fora, pois argumenta que diferenças biológicas não podem ser usadas como marcos de oposição entre o feminino e o masculino.

Importante lembrar, nesse sentido, que a autora esteve imbuída do pensamento iluminista e não havia se desiludido dos ideários de liberdade, igualdade e fraternidade que seguiram à Revolução Francesa (1789) e que viriam a ser motivo de decepção para muitos românticos, levando-os à fuga da realidade. Embora, a autora ainda não orbitasse nas questões de gênero, que ganhariam relevância somente no século XX, o posicionamento político das personagens Climineia e Hemirena constrói uma representação feminina positiva e valorizada pelo direito à educação.

Desse modo, se Teresa Margarida possui expressividade de conteúdo no Arcadismo e inova, por outro lado, quanto à estética formal, anunciando até mesmo a próxima escola literária, a indagação que precisa ser feita é: por que a autora foi silenciada pelo cânone literário? Teria sido porque não estava completamente adequada ao Neoclássico? Teria sido por questões de gênero, ou seja, seu esquecimento deve-se ao fato de ser Teresa Margarida uma mulher com produção de escrita no século XVIII? Ou o motivo deverá ainda ser encontrado no conteúdo da obra *As aventuras de Diofânes*, um livro com um discurso feminino inaugural que defendia a participação feminina na sociedade, com um papel politicamente definido e que destinava à mulher um lugar além da mera decoração nos salões da corte?

Uma possível resposta encontra-se, certamente, nas relações de poder que se estabelecem entre as formações de identidades e que alcançam evidentemente o campo da literatura. Nas discussões sobre gênero, sexo e identidade, Butler (2003) chama a atenção para a urgência de relacionar as questões de gênero com outras categorias como as de raça, etnias, classistas e regionais, ou seja, é necessário investigar outras relações de poder presentes na sociedade: “A crítica feminista também deve compreender como a categoria das ‘mulheres’, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais se busca a emancipação” (BUTLER, 2003, p. 19).

A autora destaca dessa forma as relações de poder que foram sendo consolidadas ao longo da história social e política que reverberam em todos os campos do saber. Butler (2003), por sua vez, assevera a necessidade de compreender as qualificações do

ser sujeito, ou seja, no caso da autora, ser mulher, para que a representação feminina possa ser expandida.

Se alguém 'é' uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da 'pessoa' transcendem a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. (BUTLER, 2003, p. 20)

Assim, cremos que as investigações propostas por Butler (2003) podem ajudar a entender porque inúmeras autoras, entre elas Teresa Margarida, tenham sido esquecidas pelos registros do cânone. Ao entender a construção dessas identidades fundamentadas em discursos de poder que se interrelacionam em um presente histórico é possível minar os limites que se impõem para a representação do feminino. No campo da literatura, autoras como Teresa Margarida e o desvelamento de suas obras podem contribuir para a compreensão dessa trajetória identitária. Assim, urge que pesquisas sejam ampliadas a fim de revelar novos e mais novos nomes, trazendo à tona quais discursos femininos e quais representações femininas são mobilizados.

Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero – Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FLORES, Conceição. *Ousadia Feminina no século XVIII; As "Aventuras" de Teresa Margarida da Silva e Orta*. Livro de resumos da Universidade Estadual de Santa Cruz. Bahia, Ilhéus, 2007.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura portuguesa*. 25. ed., rev e atual. São Paulo: Cultrix, 2008.

ORTA, Teresa Margarida da Silva e. *As aventuras de Diófanes*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

SILVA, Fabio M. da. Teresa Margarida da Silva e Orta. Problemáticas em torno da nacionalidade da primeira romancista em língua portuguesa. *Revista Ártemis*, vol. XIX; Jan-julho, 2015, p. 52-57.

THE FEMININE SPEECH IN THE WORK “AS AVENTURAS DE DIÓFANES”, OF TERESA MARGARIDA DA SILVA E ORTA

ABSTRACT

This article aims to analyze the feminine discourse that the author Teresa Margarida da Silva E Orta constructed in the novel “As aventuras de Diófanes”, published in Lisbon in 1777. In this sense, therefore, it aims to contribute to the study of female authorship in Portuguese and Brazilian Literature, punctuating and valuing an emblematic author, who is considered the first woman to write a novel in Portuguese language, but which, in spite of this remarkable contribution to literary history, is not given visibility in the literary canon.

Keywords: *Feminine authorship. Literature. Arcadism. Feminine speech.*

REGRASP (ISSN 2526-1045), v. 2, n. 2, abr.2017. Especial Literatura de Autoria Feminina